**ENTRE TEORIA E PRÁTICA, RELATOS A RESPEITO DO USO DA TECNOLOGIA NO ENSINO DE HISTÓRIA NO INSTITUTO FEDERAL DA BAHIA DE JUAZEIRO**

Israel Lima Vieira[[1]](#footnote-1)

Grazyelle Reis dos Santos[[2]](#footnote-2)

Fernando Mattiolli Vieira[[3]](#footnote-3)

Programa Residência Pedagógica, curso de História[[4]](#footnote-4)

Universidade de Pernambuco, *campus* Petrolina

**Resumo**: o presente texto busca esclarecer e elucidar as experiências relevantes do projeto de residência pedagógica acontecido no curso de licenciatura plena em História da Universidade de Pernambuco *campus* Petrolina (UPE). Dentre as diversas facetas desenvolvidas ao longo da trajetória de um trabalho desenvolvido nos esforços de residentes até os diretores dos órgãos parceiros, podemos destacar a formação teórica e prática que tivemos entre o coordenador, preceptores e alunos da graduação que serviu como embasamento teórico metodológico para o estabelecimento do planejamento de atividades no Instituto Federal baiano do campus de Juazeiro (BA), e essas por sua vez englobaram desde atuação na sala de aula, minicurso e questionário sobre violência, além de um minicurso no tocante as fontes históricas e o trabalho do historiador. Tais realizações só forma possíveis graças a inspiração na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a uso da tecnologia no ensino de História.

**Palavras-chaves**: Experiências, Ensino de História, Educação.

INTRODUÇÃO

A princípio este artigo possuí os intuitos do fornecimento das experiências encontradas na escola do Instinto Federal da Bahia sob a ótica do ensino de história no tocante ao viés da tecnologia e das estruturas encontradas naquele estabelecimento de ensino. Vale lembrar que foram citados teóricos e orientadores que deram uma grande contribuição para que o trabalho fosse a frente e logra-se êxito no processo de ensino-aprendizagem.

Vale citar que desde o seu lançamento pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) o programa de Residência Pedagógica em março de 2018, até a sua implementação na Universidade de Pernambuco (UPE) *campus* Petrolina no curso de licenciatura plena em História, o projeto passou por extensivos debates e questionamentos por partes docentes e responsáveis. De modo geral, a concretização do programa no *campus* se deu em agosto do presente ano mencionado e tem previsão de termino em janeiro de 2020, desde o início o projeto está divido por etapas, que começou com seleção de trinta graduandos, três preceptores e um coordenador em que todos passaram por cursos de ordem teórica para poderem estar habilitados para as funções estabelecidas. Especificamente, os graduandos residentes passaram por um mês de formação teórica (agosto) e no mês seguintes foram para as respectivas unidades, sendo elas as respectivas unidades: Escola de Referência em Ensino Médio Professora Osa Santana de Carvalho de Petrolina, Escola Professora Adelina Almeida de Petrolina e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Campus Juazeiro Bahia (IFBA).

HISTÓRICO E ESTRUTURA

De acordo com o site da institucional o IFBA Juazeiro tem seu logradouro atual na saída de Juazeiro para Sobradinho, o campus do IFBA (BA-210 no bairro Dom José Rodrigues). No vale do São Francisco, o campus nasceu como núcleo de extensão do campus de Paulo Afonso no ano de 2010, no entanto, o seu funcionamento não se dava no endereço citado, mas sim num espaço cedido pela prefeitura municipal de Juazeiro nas imediações da Orla 2, o qual foi já havia abrigado uma companhia de navegação (FLANAVE) do Rio São Francisco, em outras palavras, podemos dizer que o IFBA-Juazeiro nasce num local rico em História, sendo que na realidade poucos se atentaram ou deram pouca importância a magnitude daquele estabelecimento.

Ainda no vigente ano, foi estabelecido o primeiro curso na modalidade técnica em comércio, sendo subsequente ao ensino Médio. No primeiro semestre do ano seguinte (2011), implantou-se outro curso com as mesmas condições citadas só que agora na área de Segurança do Trabalho. No ano de 2013, dada a fase de impulsionamento da educação técnico-profissional com caráter federal, se optou por construir um prédio próprio do IFBA em Juazeiro. Esse projeto só foi finalizado dois anos, depois dada a funcionalidade do estabelecimento de ensino-aprendizagem.

Na sua máxima estruturação, o IF baiano pode abrigar 1200 alunos, visando atender especificamente as necessidades e demandas do Vale do São Francisco, ao passo que almeja englobar os campos do ensino, da pesquisa e extensão abrangendo o desenvolvimento regional e local. Assim, a missão do instituto reflete em trazer o desenvolvimento histórico, crítico, político, cientifico através da educação e tecnologias. Segundo consta no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI-IFBA), a instituição almeja atingir o patamar de referência no país, sempre buscando ampliar as vagas e ofertas de cursos no tocante da realidade local.

As substâncias que estão presentes nos princípios basilares do estabelecimento visam sobretudo formar cidadãos em amplos valores profissionais, humanos e sociais em abrangentes modalidades de ensino. Alguns desses princípios vão desde: democracia, respeito, responsabilidade, integração, inovação, continuação e entre outros, que com certeza promovem o IFBA como uma das melhores instituições (públicas e privadas) da região, ao promover a real prática dos objetivos propostos.

Muitos estabelecimentos de ensino circunvizinhos, trabalham em torno de propagandas irreais, que buscam atrair o público ou na maioria os Projetos Políticos-Pedagógicos (PPPs) acabam sendo enviesados pela realidade educacional, o qual foi sucateada nos últimos 20 anos, apesar de muitos defenderem ferozmente como tempo de avanço educacional, a suposta “melhora” educacional baixou o nível de ensino, num ponto de não ficarmos surpresos com um sujeito demonstra “saber tanto”, mas não consegue responder questões elementares de primário.

O IFBA Juazeiro por ter uma estruturação recente, apresenta o máximo de conforto e comodidade nas salas de aula e no ambiente no geral. As salas de ensino são grandes, com cadeiras confortáveis, climatizadas e com datashow e multimídia. Quanto aos corredores, esses seguem a padronização oficial em termos de tamanho, porém apresenta diferenciações em termos de acessibilidade para pessoas com deficiência locomotiva ou visual. Além de possuir uma quadra coberta (algo raro), o campus possuí uma academia para os alunos e também um restaurante privado para almoço e café da manhã dos discentes, docentes e servidores. No tocante de ensino e pesquisa, o estabelecimento detém laboratórios de química, informática, física, mas deixa a desejar quanto a biblioteca que não possuí muitas obras e o espaço é um tanto que reduzido para os livros, sendo que há espaços fechados para estudos mais privados com cabines. Em compensação com o espaço anterior, a área auditória apresenta uma grande estrutura, inclusive com palco para apresentações de teatro e dança.

Quanto a parte das estruturas administrativas, a professora preceptora Grazyelle apresentou cada componente fundamental para o funcionamento do IFBA. Sendo mostrado, desde a diretoria geral, aos coordenadores de tecnologia da informação, de gestão de pessoas e de comunicação pessoal. Além dos mencionados, há setores responsáveis pelo departamento administrativo do prédio e também da parte de ensino, os quais cuidam desde o funcionamento do ambiente até parte de coordenar os cursos e como os professores estão organizados dentro de uma catalogação de área geral de conhecimento. De todo modo, o IF possuí uma excelente coordenação que proporciona uma excelente recepção de visitantes, bem como a permanência de um ambiente comparável as instituições superiores do Vale do São Francisco.

O PROJETO

De modo sintático, além das atividades como a formação teórica em autores e autoras que proporcionaram um norteamento para o projeto. Além das primeiras visitas ao Instituto Federal da Bahia *campus* Juazeiro o ano de 2018 foi marcado pela elaboração do plano inédito residência pedagógica, além das interessantes observações a nível de aula e de curiosidade com relação a instituição e sua dinâmica. Já ano letivo de 2019, que no caso era uma continuação do ano letivo anterior, pois o IFBA segue um calendário escolar diferente do convencional em que temos o encerramento de um ano letivo anterior (2018) no mês de abril e a abertura de um novo ano letivo no mesmo mês (2019).

Logo nos primeiros dias do projeto se concentramos nas formações dos preceptores, residentes, coordenadores. a partir desses encontros e dos textos debatidos sobre fontes históricas e conceitos de violência na escola, foi estabelecido na instituição uma divisão dos residentes em duas equipes que teriam que elaborar um questionário sobre violência no âmbito escolar e não-escolar para ser aplicado tanto nos alunos quanto nos funcionários. Essa atividade foi uma das mais intensas do projeto já que demandou: planejar, constituir, executar e analisar. Em seguida, demos o debate e a construção do plano de atividades e a análise da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

A partir de outubro de 2018 se voltamos em analisar a cultura escolar no tocante a estrutura e aos diversos tipos de comportamentos sociais dos membros da referida escola, sobretudo quando construirmos um questionário escolar e buscamos investigar coletivamente as nuances da violência e o quanto ela pode afetar a vida dos estudantes e funcionários da instituição de análise. A respeito do questionário virtual sobre violência, promovido logo no início da residência, apesar da ampla divulgação, houve pouca aceitação por parte dos estudantes (provavelmente por conta de não valer nota e ser voluntário) assim a pesquisa demorou e demorou um bom tempo para ser concluída.

Do ponto de vista do comportamento, observamos o fato dos estudantes do IF passarem um bom tempo olhando o celular antes, durante e depois das aulas. Inclusive houve intensos debates sobre o assunto no que diz respeito a celular como ferramenta pedagógica ou alinhado no ensino de História, de qualquer forma entramos no consenso quanto o celular auxiliar nas discussões históricas, sobretudo quanto o estudante possuírem certa curiosidade histórica em acompanhar o raciocínio do professor e pesquisar sobre os diversos objetos históricos.

Logo no início do projeto, o horário se concentrava entre o final da manhã e metade da tarde, porém devido as mudanças de horários semestral, um novo horário foi gerado e agora na segunda feira pela parte da manhã e não mais na quinta-feira. A rotina do estágio na residência pedagógica é de acordo com o horário do IFBA cujo atende em horário integral e está sujeito a grandes mudanças ao longo do ano. Apesar disso, houve o pleno suporte cordialmente da equipe gestora escolar para que nós os residentes se adequassem aos padrões daquela instituição escolar seja na ambientação física ou nessas avulsas mudanças de horários.

Adiante demos continuidade ao nosso projeto ao forcarmos no plano de atividades em que esse demandou a participação coletiva dos residentes, só que de maneira somente dois ficaram responsáveis por colher as ideias e desenvolvê-las no documento citado. Nosso plano, nada é do que uma sequência didática de conteúdos que visam o ensino de História, ao focalizar nos estudos de fontes e na temática da violência em alguns momentos períodos históricos (sobretudo da História europeia) e também no quanto a violência poderá ser estudada no contexto local, sendo que seríamos pioneiros ao desenvolver tais estudos, que serão fontes primárias para futuros pesquisadores.

Vale salientar que a construção do plano contou com a extrema participação da professora Grazyelle, o qual forneceu as devidas correções quanto questão do que trabalhar ao longo do ano letivo de 2019, também sobre planejamento pedagógico acerca do tempo e a forma de abordagem. Sempre com sugestões e debatendo cada passo do projeto, ela forneceu a base para consolidarmos nosso projeto na Instituição.

A respeito do ensino de História propriamente dito, optamos por dividir em duas equipes, que ficarão responsáveis por acompanhar as turmas do 1° e 2° séries de administração e segurança do trabalho. Cada residente ficou responsável por pelo menos três conteúdos ao longo do ano, sendo que nas respectivas unidades teremos a fase de observação, na seguinte ministraremos aula e por fim faríamos um trabalho em conjunto com a professora-preceptora Grazyelle, lembrando que em todas unidades iremos trabalhar fontes.

No geral, trabalharemos 30 conteúdos selecionados cuidadosamente com respectivas fontes e articulados o máximo possível com a temática violência, podendo acontecer por razões de tempo não nos aprofundarmos tanto com questão da violência na História, prevendo isso, faríamos uma aula transversal só tratar de expressões da violência para que os alunos aprendam os conceitos e implicações, desenvolvendo um pensamento reflexivo.

Outro ponto relevante do plano de atividades é possiblidade de trabalhar com fontes inéditas, para fugir da tradicional aula de História que está quase sempre pautada em copiar conteúdos e assistir filmes sem refletir corretamente e fazer provas de fechadas. Além das fontes históricas mais veiculadas, almejamos trabalhar documentários, séries, filmes problematizadores, fotos, mapas, textos, gravuras, iluminuras, textos e entre outros. Vale lembrar que essas implementações tiveram como inspiração, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) o qual busca desenvolver um aluno que seja um sujeito crítico e cidadão para contribuir com a sociedade no aspecto participativo. Em específico a base almeja trabalhar um História mais social, que enfatize aspectos americanos e africanos para o aluno aprenda que sua identidade cultural não foi fruto somente de aspectos europeus. Assim, pretendemos fazer o aluno se reconhecer enquanto fruto da mistura de povos que fizeram o povo brasileiro ter um aspecto único nas esferas cultural, biológica, histórica, sociológica, psicológica e antropológica.

A partir de fevereiro damos a continuidade das discussões a respeito do ensino de História, assim como que envolvem a temática do minicurso sobre violência, fontes históricas e como faríamos o produto final. Concomitante acompanhou-se as aulas da professora Grazyelle e sempre fazendo observações quanto a sua atuação em sala já que os jovens professores entrariam em atuação. Nota-se o quanto flexível, porém não demais afinal ser docente exige compromisso, dedicação, ética, compreensão e entre outros aspectos cidadãos e formadores de uma personalidade humana

Em paralelo as nossas observações, algo sempre devemos mencionar são os encontros extra residência em que temos uma vez em cada mês com nosso coordenador e 4 vezes por mês com nossa preceptora, sendo o primeiro um acompanhamento das atividades desenvolvidas por cada polo e as novas ações, já os encontros semanais com nossa preceptora ocorrem no sentido de lermos algum texto e falarmos de algum texto na área dos ensinamentos históricos. Nos meses de abril e março de 2019 tivemos nosso período de observação do conteúdo referente a terceira unidade do ano letivo de 2018.

A partir de uma parte de abril o ano letivo chegou a fim e ainda nesse mês iniciarmos um novo horário, agora iríamos observar desde do começo do letivo para que gradualmente possamos assumir as turmas da 1° e 2 série do ensino médio. No mês de maio além das observações nas aulas de História, especificamente na turma do 1° de administração, tivemos a realização de uma oficina sobre fontes históricas.

A partir de junho na primeira semana do referido mês, a professora Grazyelle realizou uma atividade bem diferenciada em termos do ensino de História, pois distribuiu 5 diferentes textos com quantidade suficiente para cada aluno que formariam grupos, fariam a leitura (bem a vontade de pelo polo) ou se estabeleceriam na sala para contar com ajuda da professora ou do residente para posteriormente apresentarem de forma rápida as ideias do texto, que por sua vez, esses faziam menção aos diversos sítios brasileiros, como o Parque Nacional da Serra da Capivara-PI ou Lagoa Santa-MG por exemplo. Ainda nessas aulas, foram citados o exemplo de descobertas recentes de achados arqueológicos no munícipio vizinho de Sobradinho-BA cujo datam quase cerca de 10.000 anos segundo a professora. As duas semanas seguintes nos dias (10 e 11), (17 e 18) a professora Grazyelle começou a trabalhar sociedades do oriente, que buscou ao máximo fazer vínculos regionais ao explicar os diversos povos que habitaram a região da mesopotâmia, e nessas aulas ela passou um trabalho de equipes que farão maquetes para representar alguns que viveram no Oriente Antigo. Esses trabalhos serão apresentados quando voltarem do recesso junino (16 e 22) de julho.

Logo no final de julho houve o encerramento da I unidade e no mês seguinte finalmente os residentes poderiam assumir suas turmas em dupla ou individual como num caso de um único residente voluntário. No decurso de agosto, setembro e outubro os residentes ministraram suas aulas com um planejamento, didática, compromisso, ludismo, ensino- aprendizagem.

Vale destacar que no mês de outubro realizou- se um minicurso sobre violência que os alunos transformaram numa apresentação de grupo que por sua vez confeccionaram diversos tipos e formas de violência.

No que se refere as atividades desenvolvidas desde uma aula até operações mais complexas como o minicurso sobre violência ou a oficina sobre fontes, o que existe em comum entre elas, além da roupagem está voltada para o ensino de História e da interdisciplinaridade sob ponto específico deste trabalho as contribuições provenientes da tecnologia. Se nós analisássemos o ensino de História sob a ótica da tecnologia veremos que essa é presente na maioria do meio de buscas de discentes e docentes. Diante do exposto, temos de pôr o objetivo: ensinar História para os alunos, de modo que os leve a se reconhecerem enquanto sujeitos históricos produtores do conhecimento e de fontes históricas, sobretudo as que se encontram em meios virtuais, com isso ensinamos um pouco da prática do historiador na questão da interpretação de fatos e documentos

Nosso objetivo agora se concentra na produção de um documentário acerca da violência no sertão, que será produzido como produto da residência pedagógica para com as instituições envolvidas (IFBA, UPE, CAPES), assim será possível deixar um grande legado que foi a residência: ensino, pesquisa, produção, aprendizagem.

REFERENCIAL TEÓRICO

Durante as experiências na residência pedagógica amplas reflexões críticas vieram à tona, sobretudo o papel da História na formação de sujeitos mais conscientes com embasamento histórico. A pauta do ensino de História adentra no universo acadêmico como uma temática recente se tratando de uma larga escala de produção, sendo constituída por aspectos interdisciplinares, os quais envolve História, pedagogia e afins. Sendo que compreender o ensino de História sobre o prisma educacional-histórico é caracterizado como oficio do historiador, pois trata-se de uma investigação de ações humanas no tempo/espaço; o qual espera-se inferir uma reflexão acerca do objeto estudado.

O que muito das vezes, alguns associam um certo desprendimento dos fatos históricos; por essa vertente do campo historiográfico está voltada para aspectos educacionais/pedagógicos, mas será possível construir uma narrativa não se baseando em fatores históricos? Ou será que toda ação humana se constitui como História mesmo que não haja relevância nessa? Ora perguntas como essas não se respondem tão facilmente, no entanto, obviamente para se constituir como História é necessário partir de um objeto real em que esse tem seu *locus* no passado. Segundo o texto; “Memória e Ensino de História” do José Ricardo Oriá ao citar Adauto Moraes que propõe; esquecer o passado é negamos a nossa experiência de vida, negar o futuro é abolir a possibilidade do novo. Partido desse pressuposto, podemos inferir que negar o passado é esquecer nossa História, limitando nosso horizonte de consciência em relação aos tempos posterior. Nesse ponto é preciso trabalhar numa proporção equilibrada entre as experiências do passado e a teorética, afim criar uma narrativa e um método histórico condizente com a realidade objetiva.

Oriá afirma que preservar o passado é fundamental para produção histórica, afinal uma civilização que voltasse apenas para as transformações, sem se preocupar com o que foi construído tende a riscada no seu aspecto histórico, restando apenas talvez uma herança material voltada apenas para o campo arqueológico. Nos últimos anos o mundo foi invadido pela consciência de preservação do meio ambiente, sendo que até pouco tempo atrás o mundo não raciocinava em termos de educação ambiental para as futuras gerações. Na realidade esse é um movimento internacional que se apodera das educações nacionais afim de implantar leis universalizantes (nas surdinas) de parceiros ligados as Organizações das Nações Unidas, sob pretexto de uso de pseudociência e técnicas psicológicas/linguísticas para induzir os sujeitos a um raciocínio tão perverso, que esse prefere morrer de fome ao ter que matar qualquer animal na face da Terra ou beber pouca água para que essa não falte na esfera cíclica cercada trevas (apeiron- Anaximandro) que é o nosso planeta. Em suma, a educação ambiental é método de inserção de pensamentos histéricos baseado no adiamento extremo de um futuro metastático castratróficos mundial.

Partido da ótica da educação e preservação ambiental; o Oriá incide que as escolas deveriam fomentar ações para que as pessoas desenvolvam um senso de preservação histórica, citando inclusive o pensamento do modernista Mário de Andrade, em que o patrimônio histórico seria um meio de construir uma identidade nacional, sendo que nossa situação seria proveniente de elementos culturais advindo das matrizes; europeia, africana e indígenas. Trabalhar essa vertente no ensino de História, envolve trazer elementos contidos na educação patrimonial, principalmente, no que consiste em resgatar monumentos históricos, bibliotecas e lugares históricos e arquivos afim despertar a consciência histórica perdida com a geração ao epílogo do século XX. Parafraseando o livro *A Era dos extremos; o breve século XX* do Eric Hobsbawm*,* O Autor alerta para o fato das gerações do fim século XX; serem criadas numa espécie de futuro continuo; do qual não possuem uma forte ligação com a cultura histórica.

A destruição do passado — ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas — é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que outros esquecem, tornam-se mais importantes que nunca no fim do segundo milênio (ORIÁ *apud* HOBSBANW, 2001, p.145).

Ao cogitar sobre cultura histórica e ensino de História, um teórico da pedagogia que Paulo Freire não existe docência sem pesquisa, assim diante dessa perspectiva se buscou uma metodologia de aula de História que fosse suficiente para uma aula de História não fizesse o discente não dormir e aprender que a História pode ser divertida no momento que há uma análise reflexiva dos sujeitos envolvidos nos fatos históricos, principalmente quando esse princípio evoca uma participação dos estudantes no que se refere também a uma certa identificação histórica.

Nesse sentido em meio as diversas reflexões a respeito de ensino de História, mais específico as nuances dos conceitos. Tendo como base o texto incompleto de Nietsche em relação da história com a filosofia no que tanja a felicidade e a noção de fenomenal do passado histórico. Segundo ele, é provável viver quase sem nenhuma lembrança sendo feliz, provando assim que os fatos podem ser esquecidos, principalmente por seres não-histórico e reafirmando que trabalho do historiador não está centrado apenas em lembrar todos os fatos do passado.

Os homens supra históricos se preocupam veemente com a história, principalmente no âmbito do passado e presente, acreditando que estas temporalidades são uma só no que diz respeito a onipresença e diversidade. Aprendendo assim, cada vez mais cultivar a história em função da vida. O fenômeno histórico, segundo ele, deve ser pensado sobre a ótica do conhecimento, sendo desta forma a história ganharia status de ciência trazendo consigo uma reflexão e uma espécie de encerramento e balanço sobre a vida da humanidade. Porém desta maneira, a história se tornaria algo ligado a exatidão dos parâmetros científicos.

O texto ainda relata sobre o passado monumental e adverte sobre o fato de que, a geração moderna não tem buscado a construção de sua própria identidade monumental, para marcar a história da humanidade no tempo espaço, fazendo uma breve contextualização com os gregos.

O saber histórico é de certo ponto infinito, e sempre busca a renovação do mesmo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante das estratégias de planejamento e consequente aplicação, foi logrado êxito, pois houve um processo de intenso participação dos estudantes que buscaram perguntar e pensar sobre as diversas fontes que foram tratadas (textos, trechos de filmes, imagens, áudio, vídeo clipes, periódicos). Apesar de não ter um propósito de formação, as oficinas tiveram o objetivo de ensinar um pouquinho do ofício do historiador, da forma com que se ler e se interpreta a fonte com a devida fundamentação histórica. Vale lembrar que a preceptora professora Grazyelle planejou didaticamente a aplicação da oficina com o conteúdo de introdução aos estudos históricos que contemplava desde o trabalho com fontes até mesmo o processo do ofício do historiador e suas divergências e apropriações com outras áreas.

METODOLOGIA

Quanto ao parâmetro cientifico, esse consistiu em observar as diversas experiências e atrelá-las a algum discursão teórica ou até mesmo de grupo para avaliaríarmos o quanto havia tido o sucesso.

CONCLUSÃO

Diante do exposto, dentre as incontáveis experiências dos relatórios e ainda as que virão do projeto de Residência, cujo brevemente iremos assumir por dupla turmas do 1° e 2° anos do Ensino Médio. Observamos uma maior maturidade, compromisso, consciência e responsabilidade por minha parte em relação ao ofício como docente. Isso se dá principalmente em refletir sobre erros e acertos de práticas minhas na hora de ensinar, mas sobretudo em hipótese alguma repetir ruins experiências praticadas.

Eticamente falando, devo mencionar situações corriqueiras, via de regra não são somente frutos do projeto, mas são oriundas de um costume um tanto que naturalizado pelo brasileiro que é a famosa frase “oba... oba”. Na minha singela opinião de um residente voluntário, alguns residentes deveriam ser mais participativos, já que alguns usam desculpas (não todos os casos, algumas pessoas merecidamente faltam) mais esfarrapadas para não poderem ir (estou sem dinheiro, é longe demais, estou sem tempo, ir lá para só para assistir aulas? Ou até mesmo quando faltam e não dão satisfação a professora Grazyelle, que por sua vez não gosta de impor uma personalidade “chata”, mas com toda certeza não seria essa grande responsável por essa falta de interesses).

Esperamos que até o final do projeto, essas pessoas tomem consciência e maior responsabilidade, pois muitos almejam o sonho de serem um(a) grande doutor(a) ou mestre(a) em História, mas como isso será possível sem demonstrar interesse na profissão, num aspecto tão fundamental que é a prática da didática, da aprendizagem do ensino ou de outros elementos cognitivos. E assim como diz a frase de F. de Rosas “Miserável coisa é pensar ser mestre, quem nunca soube ser um discípulo”, o que resume sem dúvidas essa questão de querer ter um nível alto sem um comprometimento com aquilo que se chama de básico.

Compreendemos muito bem a distância, a vida acadêmica e pessoal cheia de coisas, porém isso jamais pode ser utilizado como desculpa para faltar indevidamente o projeto. Salienta-se que se programa se revelar um completo fiasco, dará motivos fortes para seu encerramento, posteriormente fulano ou sicrano vai protestar contra governo a ou b por causa disso e mal sabe ele a origem dos problemas centradas na funcionalidade da coisa e não somente em aspectos ideológicos partidários.

.

Ser professor de História não é uma tarefa fácil, como um processo gradual e lento é parte do nosso aprendizado e desenvolvimento cognitivo. Uma concepção muito relevante acerca do que ser um professor é do filósofo Arthur Schopenhauer no livro *A arte de insultar* que diz que o professor é o intelectual da humanidade, ou seja, peça fundamental para o desenvolvimento humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SCHOPENHAUER, Arthur. **A arte de escrever**. Trad. Pedro Sussekind. L&PM: Porto Alegre,2009, p.178.

FERNANDES, José Ricardo Oriá. Memória e Ensino de História. In: BITTENCOURT, Circe Maria F. (org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2006, p.128-148.

FREIRE, PAULO. **Educação e Mudança**. Ed. Paz e terra: Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

Instituto Federal da Bahia. Disponível em: <https://portal.ifba.edu.br/institucional/instituto>. Acesso em :22/10/2019.

NIETZSCHE, FRIEDRICH WILHELM. **Obras incompletas;** seleção de textos de Gérard Lebrun; tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho; posfácio de Antônio Candido. São Paulo: 3 ed. Abril cultural,1983, p.60 a 70.

SCHOPENHAUER, Arthur. **A arte de escrever**. Trad. Pedro Sussekind. L&PM: Porto Alegre,2009, p.178.

PINSKY, Carla Bassanezi**. Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

1. Graduando em História, Universidade de Pernambuco, campus Petrolina. Bolsista do Programa Residência Pedagógica. [↑](#footnote-ref-1)
2. Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia, campus Juazeiro. Preceptora do Programa de Residência Pedagógica em História da Universidade de Pernambuco, campus Petrolina. [↑](#footnote-ref-2)
3. Prof. Adjunto do curso de História, campus Petrolina. Coordenador do Programa Residência Pedagógica em História nessa unidade. [↑](#footnote-ref-3)
4. O presente trabalho foi realizado com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). [↑](#footnote-ref-4)